

AS CONSTRUÇÕES ENUNCIATIVAS SOBRE INFÂNCIAS EM JORNAIS IMPRESSOS DO MARANHÃO¹

Leide Silva Oliveira Alves

Jornalista e Mestre em Comunicação

Universidade Federal do Piauí, leide_s@hotmail.com

Paulo Fernando de Carvalho Lopes

Professor Doutor em Comunicação

Universidade Federal do Piauí, pafecalo@ufpi.edu.com

Resumo: Compreendendo os jornais como fonte de produção de sentidos, o objetivo deste trabalho é discutir a partir dos pressupostos da Teoria dos Discursos Sociais, como dois jornais do Maranhão, O Progresso e O Estado do Maranhão colocam em circulação as noções sobre infâncias. Os impressos, ora analisados, enquadram-se na categoria de jornal impresso com circulação diária, no estado do Maranhão. A escolha dos dois suportes de comunicação que integram a análise assenta-se na premissa de que existem similaridades entre eles, tais como: formato, periodicidade, circulação entre outros; aspectos necessários já que se pretende desenvolver uma análise comparativa que baseia-se na proposta de Araújo (2000), Verón (2004), Pinto (2002) e Lopes (2004), que busca reconstituir as operações discursivas a partir das marcas presentes nos textos. Os discursos sobre infâncias nos jornais do Maranhão podem ser encontrados na superfície textual, nas marcas formais deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos.

Palavras-Chave: Discursos. Educação. Infâncias. Jornalismo. Maranhão.

Introdução

Este trabalho constitui parte da dissertação de mestrado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí em setembro de 2016, que teve por objetivo analisar como são produzidas e colocadas em circulação as construções enunciativas sobre infâncias pelos jornais do Maranhão, O progresso e O Estado do Maranhão.

A pesquisa visou apontar as estratégias enunciativas utilizadas pelos jornais; analisar os modos de dizer dos dois jornais sobre infâncias e crianças além de conhecer como cada jornal se posiciona no mercado simbólico quanto ao tema analisado. Foram identificadas quatro invariantes mediante a frequência com que foram identificados nos jornais: Crianças e Estado; Crianças e Educação; Crianças em risco; Crianças em dias “D”. Este trabalho compreende apenas a invariante Crianças e Educação.

¹ Este trabalho é parte dos resultados alcançados com o projeto de pesquisa realizado no âmbito do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Piauí intitulado “Jornalismo e discursos: as construções enunciativas sobre infâncias em jornais impressos do maranhão” e recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí, FAPEPI.

A invariante **Crianças e Educação** engloba enunciados sobre a escola, em que esta aparece como instituição de legitimidade no domínio do saber e geralmente evocada como o local por excelência da vivência da infância e aprendizagem.

O corpus de estudo constitui-se de matérias veiculadas nas edições de dois jornais do Maranhão, O Progresso e O Estado do Maranhão que circularam durante o ano de 2014. O referencial metodológico compreende elementos da análise do discurso desenvolvida por Araújo (2000), Verón (2004), Pinto (2002) e Lopes (2004) que busca reconstituir as operações discursivas a partir das marcas presentes nos textos.

Sobre a Teoria dos Discursos Sociais

Essa teoria permite-nos descrever as regras do engendramento dos discursos jornalísticos, ora tomados enquanto prática social e lugar de produção de sentido. Busca-se, a partir das marcas enunciativas deixadas nas superfícies textuais dos discursos, perceber quais mecanismos põem em jogo determinado processo de produção e efeitos de sentido. Isto, por acreditar que é possível chegar ao processo de produção destes seguindo o caminho inverso, isto é, por meio dos vestígios e pistas. Decorre disso o privilégio dado a Análise de Discursos como instrumento metodológico, por ser uma proposta que não se esgota na análise imanente dos textos.

Segundo Pinto (2002), a análise de um texto tem como ponto de partida o próprio texto, mas não se trata simplesmente de uma análise de textos, pois os conceitos de discursos em jogo envolvem: texto, contexto, prática discursiva, estrutura social. Desse modo, entendemos que o modelo escolhido de análise de discursos vai justamente corroborar no sentido de descrever, explicar, avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo que estão vinculados aos observáveis em estudo, os periódicos do Maranhão (O estado do Maranhão e O Progresso), na tentativa de entender como os mesmos produzem e colocam em circulação as construções enunciativas sobre infâncias.

É importante destacar que, ao falarmos de infâncias, as entendemos como inerente às crianças e às suas condições de vida. E quando falamos de construções enunciativas sobre infâncias, estamos falando do processo de apropriação da linguagem para dizer algo sobre infâncias.

Assim, recorrendo ao referencial teórico-metodológico da Teoria dos Discursos Sociais são investigados os modos de dizer, os modos de mostrar e os modos de seduzir; além de perceber os traços recorrentes e invariantes de operações de enunciação a partir das marcas que estas deixaram na superfície textual. E para podermos reconstituir as operações discursivas a partir das

marcas presentes nos textos, conforme Verón (2004) utilizar-se-á da análise comparativa, para confrontar os dois periódicos, pois pela comparação as singularidades de cada um podem ser estabelecidas.

Em busca das noções de infâncias

Considerar a construção enunciativa sobre infâncias em jornais do Maranhão exige pensá-la de em termos de sua pluralidade, isto é, destacando que tanto a infância como o ser criança estão em constante processo de transformação (COHN, 2005; DEL PRIORE, 2000; SOUSA, 2009);

Conforme Dornelles (2005), no Brasil, os estudos acerca da infância e sua história foram desenvolvidos, sobretudo, tomando a categoria infância como atemporal, ingênua e dependente. Todavia, há no país diferentes campos teóricos – como Educação, Sociologia, História e Psicologia –, que investigam a infância de forma contínua e profunda, não mais com um sentido fixo, determinada biologicamente, mas uma construção social.

Dornelles (2005) aponta um estudo genealógico sobre a infância partindo da época clássica, séculos XVI e XVII, em que é possível identificar: a) a criança sob o controle da família; b) a instituição da escola e; c) a normalização imposta pelas Ciências Humanas. Essas condições citadas podem ter possibilitado a invenção da infância moderna. A criança sobre o controle da família passa por vigilância dentro de sua própria casa a qual é protegida. Igualmente o espaço onde ocorrem as suas brincadeiras. Na escola, a criança emerge como sujeito-aprendiz que precisa ser colocado na posição de aluno.

Ao tratar da construção da infância no Ocidente, Ponte (2005, p. 29) destaca quatro características, a saber: “1) a criança como um outro, separada espacial e temporalmente do adulto; 2) a criança dotada de uma natureza especial; 3) a criança inocente; 4) a criança dependente”. Esta autora investigou sobre o papel do jornalismo na construção da realidade, em que busca perceber como e quando as crianças são notícia na imprensa portuguesa.

Neste trabalho o interesse centra-se nas construções enunciativas sobre Crianças e Educação. Entende-se que quando os jornais falam sobre infâncias, colocam em funcionamento todas as vozes, inclusive as que estão em dialogia com o passado. As várias noções sobre infâncias se imbricam, criando um jogo de força, numa tentativa de colocar em circulação um modelo hegemônico de infância. Observa-se que os aspectos das infâncias, geralmente estão associados a temas como: violência, mortalidade, fome, escolaridade, pedofilia, prostituição. Estes somados a

outros, exploram conteúdos em que as crianças aparecem, ora como “futuro do país”, ora como infratores.

Resultados e Discussões

Percebeu-se pelos enunciados que a escola se ocupa mais do aluno do que da criança. É como se a criança ficasse em segundo plano enquanto sujeito dotado de emoções, vontades, saberes e sentimentos, e, em primeiro plano, destaca-se o aprendiz, aquele a quem é destinado uma agenda de comportamentos que devem ser seguidos à risca, já que prevê avaliação, sanções e prêmios.

A criança desses enunciados existe a partir da instituição escola. É uma criança que cresce e se desenvolve vivenciando a rotina de um ano escolar, é uma criança que repousa sobre assentos de madeira ou plástico, que se ajusta em uniformes. Veja alguns enunciados:

- Programa Alfa e Beto alfabetizou 93 mil alunos no Maranhão (O Progresso, 19 de fevereiro);
- Prefeitura amplia e melhora o atendimento aos alunos de Educação Infantil (O Progresso 24 de abril);
- Juiz proíbe transporte inadequado de alunos da rede pública em Bacuri (O Estado do Maranhão, 10 de maio);
- Município e Estado são obrigados a regularizar o transporte escolar (O Progresso, 10 de maio)
- Pais de alunos temem atraso em reposição de aulas do Município (O Estado do Maranhão, 23 de dezembro);

Os enunciados presentes nas cenas enunciativas também apontam a escola como lugar onde essa criança-aluno brinca e convive com seus pares, ainda que seja quase sempre na presença dos adultos. Os enunciados propõem que lugar de criança é na escola, onde ela, a criança-aluno, é alvo de mecanismos de vigilância e controle. Pode-se constatar nos enunciados a seguir: “Alunos da rede municipal participam do Circuito BB” (O Estado do Maranhão, 18 de janeiro); “Teatro de fantoches leva diversão e aprendizado às crianças do Jardim Canossa” (O Progresso, 28 de fevereiro).

É importante destacar que os enunciados sobre a criança-aluno da rede particular de ensino são sempre otimistas. São em sua maioria produtos de assessorias. Verifica-se nos textos, a necessidade de criar uma imagem positiva daquelas instituições. As crianças destas instituições aparecem nos enunciados como sujeitos que praticam ações. Veja alguns exemplos: “Alunos do COC fazem doação para Ampare” (O Progresso, 26 de setembro); “Alunos do COC realizam trabalho sobre culinária nordestina” (O Progresso, 6 de setembro de 2014). Estes enunciados só foram percebidos no jornal O Progresso, sendo citado aqui apenas em nível de ilustração.

Considerações finais

Os jornais ao colocarem em circulação as noções sobre infâncias selecionaram determinados sentidos em suas matérias e transformaram as informações em estratégias a fim de construir a imagem de si bem como a de seus leitores. A invariante **Crianças e Educação** revelou enunciados acerca de pedagogias disciplinares, as quais produzem sujeitos infantis nas articulações de poder e saber.

Nesses enunciados ficou difusa a ideia de que a criança é um sujeito que necessita de cuidados e vigilância. Como as crianças não são autônomas e não têm o governo de si mesmas, são enquadradas na condição de dependentes, tanto econômica, social, afetiva e culturalmente. Ou seja, precisam ser gerenciadas pelos adultos. A escola (creche), por exemplo, é evocada como o local por excelência da vivência da infância e aprendizagem por meio da educação. É importante lembrar que, nos documentos que tratam sobre os direitos da infância, a educação sempre é contemplada (Convenção sobre os Direitos da Criança, ECA, Constituição Federal). Nos principais jornais brasileiros, ela é um dos temas mais frequentes, o mesmo ocorre nos diários em análise.

Quase sempre a educação relaciona-se com a vivência do lúdico pelas crianças e se contrapõe ao trabalho, a criança enquanto aluno tem como único ofício, aprender; isto também envolve brincar e conviver com seus pares. Estes discursos são entrecortados por diferentes vozes que recorrem ao pensamento filosófico, sociológico, histórico e à agenda mundial sobre os direitos da criança.

Os enunciados apontam as crianças como ingênuas e dependentes, sendo a escola habilitada a falar em nomes delas, ou seja, é dado ao adulto o direito de representá-las. Assim, as crianças na condição de fontes de pouca expressividade são apenas personagens que pouco ou quase nada falam, e, cujo ponto de vista não aparece no discurso noticioso. O estatuto social das crianças ainda as garante pouca visibilidade sobre o ponto de vistas delas.

Referências

ARAÚJO, I. A Reconversão do Olhar. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

COHN, C. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DEL PRIORE, M. História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.

DORNELLES, L. V. Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LOPES, P. F. C. Negociando sentidos, articulando lugares: o modelo semiológico-discursivo nas teorias de comunicação e do jornalismo. 2004. 221 f. Tese (Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2004.

PONTE, C. Crianças em notícias: A construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000). Lisboa: ICS, 2005.

PINTO, M. J. Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos. 2. ed. São Paulo: Hacker, 2002.

SOUSA, E. L. A experiência com a infância em uma comunidade camponesa na Paraíba. In: AREND, S. M. F.; PEREIRA, I.; SCHREINER, D. Infâncias Brasileiras: experiências e discursos. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009.

VERÓN, E. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.